

Aulas de jaulas

O que a literatura e o cinema podem dizer sobre a prisão?

Glauco Mattoso

[04/12/2002]

Dizem que a realidade sempre supera a ficção, e no caso africano dificilmente um livro como os de Naidoo & Sachs ou de Breytenbach poderia ser superado por qualquer longa-metragem americano. Mas há exceções. O caso chinês, matéria-prima do francês Octave Mirbeau no romance O jardim dos suplícios, é tão alucinante e onírico que nem parece baseado em fatos verídicos. O principal requinte da "penitenciária" chinesa [infinidamente mais criativo que a fantástica máquina imaginada por Kafka em Na Colônia Penal] é que todas as sessões de tortura são executadas ao ar livre, no meio dum bosque e à vista dos turistas, especialmente ocidentais, ávidos de exotismo. Entretanto, prefiro, à guisa de aperitivo, transcrever um trecho em que os visitantes ainda nem chegaram ao jardim e já podem prelibar a desgraça dos presos enjaulados e "encoleirados" às cangas, tratados como feras num zoo-ilógico :

“Na ponte muda o espectáculo mas o cheiro piora, esse cheiro tão característico da China, que faz pensar em podridão e morte, nas cidades como nas florestas e planícies.

Amontoam-se, umas sobre as outras, pequenas lojas imitando os pagodes, tendas em forma de quiosque, envoltas em estofos claros e sedosos, sombrinhas enormes postas em carros e açafates rolantes. Nessas lojas, sob essas tendas e sombrinhas, gordos mercadores de barriga de hipopótamo vestidos de amarelos, azuis e verdes gritam e batem em gongos para atrair os clientes, vendem porcarias de toda a espécie: ratos mortos, cães afogados, bocados de veado e de cavalo, criação purulenta, tudo misturado em grandes alguidares de bronze.

– Aqui... aqui... por aqui! venham por aqui!... E vejam!... e escolham!... Não encontrarão melhor noutra sítio... Não há mais podre que isto.

E procurando nos alguidares mostram na ponta de compridos ganchos de ferro, como bandeiras, nojentos bocados de carne saniosa e, com caretas horríveis que acentuam as cicatrizes vermelhas das caras, fazendo-a parecer uma máscara, repetem no meio do bater dos gongos os e dos clamores concorrentes:

– Aqui... aqui... por aqui!... Venham por aqui... e escolham... Em nenhum sítio encontrarão melhor... não há nada de mais podre...

Logo que entrámos na ponte Clara disse-me:

– Ah! estás a ver, estamos atrasados. A culpa é tua!... Despachemo-nos.

Com efeito na ponte agitava-se uma numerosa multidão de chinesas e algumas inglesas e russas -- porque de homens havia muito poucos, tirando os carregadores. Vestidos bordados de flores e borboletas em metamorfose, sombrinhas multicores, aventais redopiando como pássaros, e risos, e gritos, e alegria e luta, tudo isso vibrava, reluzia, cantava, voava ao sol, como uma festa de vida e de amor.

– Aqui... aqui... por aqui!... Venham por aqui...

Tonto pela confusão, atordoado pelos guinchos dos mercadores e pelas vibrações sonoras dos gongos, quase precisei bater-me para penetrar na multidão e proteger Clara dos insultos de uns, das pancadas de outros. Combate ridículo, na realidade, porque eu não tinha resistência nem força e sentia-me levado por este tumulto humano tão facilmente como a árvore morta arrastada pelas águas furiosas da corrente... Quanto a Clara atirava-se para o

mais cerrado da multidão. Suportava o contato brutal e, por assim dizer, a violação de toda aquela gente com um prazer apaixonado... a certa altura exclamou, orgulhosamente:

– Vê, querido... o meu vestido está todo rasgado... É delicioso!

Muito nos custou arranjar passagem até às lojas apinhadas, sitiadas como para uma pilhagem.

– Olhem e escolham! Não encontrarão melhor noutra sítio.

– Aqui... aqui... por aqui!... Venham por aqui!

Clara tirou a amorosa pequena forquilha das mãos do boy que nos seguia com o seu amoroso cesto e procurou nos tachos:

– Procura também tu!... procura, amorzinho!...

Julguei que o coração ia falhar por causa do detestável cheiro a cadáveres que exalavam essas lojas, esses tachos remexidos por toda a multidão atirando-se às porcarias como se fossem flores.

– Clara, querida Clara – implorava eu. – Vamos embora daqui, peço-lhe!

– Oh! como está pálido! E por quê?... Então não acha muito divertido?...

– Clara... querida Clara! -- insistia. -- Vamos embora daqui, suplico-lhe!... É-me impossível suportar mais tempo este cheiro.

– Mas não cheira mal, meu amor... Cheira a morte, eis tudo!...

Não parecia incomodada... Nenhuma ruga de enjôo riscava a sua pele branca, tão fresca como uma flor de cerejeira. Dir-se-ia, pelo ardor velado dos olhos, pelo estremecer das narinas, que experimentava uma alegria de amor... Aspirava a podridão, com avidez, como se fosse um perfume.

– Oh! que bonito... que bom bocado!...

Com gestos graciosos encheu o cesto com aquelas imundícies.

E continuamos o nosso caminho pensamente, através da multidão superexcitada e dos cheiros abomináveis.

– Depressa!... depressa!...

[...]

A cadeia fica à beira do rio. Os muros quadrangulares fecham um terreno de mais de cem mil metros quadrados. Nem uma única janela; como abertura só a enorme porta coroada de dragões vermelhos e de pesadas barras de ferro. As torres das sentinelas, torres quadradas no alto de telhados de cantos curvos, marcam os quatro ângulos da sinistra muralha. Outras, mais pequenas, espaçam-se a intervalos regulares. À noite todas essas torres se iluminam como faróis e projetam a toda a volta da prisão, sobre a planície e o rio, uma luz denunciadora. Uma dessas muralhas mergulha na água negra, fétida e profunda, os alicerces atapetados por algas viscosas. [...]

Tinham armado tendas onde se bebia chá e se debicavam bonitos bombons, pétalas de rosa e acácias envoltas em finas massas cheirosas e polvilhadas de açúcar. Noutras, músicos tocavam flauta e poetas diziam versos enquanto o "punka", agitando o ar abrasado, espalhava uma ligeira frescura, uma leve brisa nas caras. E vendedores ambulantes vendiam estampas, lendas antigas de crimes, descrições de torturas e suplícios, fotografias e marfins estranhamente obscenos. [...]

A porta da cadeia abria-se para um comprido corredor escuro. Do fundo, mais para além do corredor, chegavam sons fracos de sino, atenuados pela distância. Clara, feliz, batia palmas por os ter ouvido.

– Oh! querido!... O sino!... O sino!... Estamos com sorte... Não estejas triste... não estejas doente, peço-te!...

Empurravam-se tanto à entrada da cadeia que os polícias a custo mantinham um pouco de ordem no tumulto. Tagarelices, gritos, estertores, esfregar de tecidos, choques de sombrinhas e de leques, foi nessa confusão que Clara entrou resolutamente, tão excitada por

ter ouvido o sino, que eu nem ousava perguntar-lhe por que tocava assim nem o que significavam os toquezitos surdos, os toquezitos longínquos que tanto prazer lhe davam! [...]

Mas pouco avançávamos apesar do esforço dos boys dos cestos, que tentavam abrir caminho às senhoras por meio de cotoveladas. Carregadores altos e feiçosos, horrivelmente magros, peito nu cheio de cicatrizes sob os andrajos, mostravam no ar, por cima das cabeças, cestos cheios de carne cuja decomposição o sol acelerava. [...]

O corredor era grande, iluminado por uma clarabóia que através do vidro opaco apenas deixava passar uma luz fraca de velarium. Uma sensação de frescura úmida, quase de frio, envolveu-me inteiramente como uma carícia de ponte. As paredes gotejavam, como se fossem paredes de gruta subterrânea. [...]

Na parede da direita havia grandes células, ou melhor, grandes gaiolas fechadas com grades e separadas umas das outras por espessas divisórias de pedra. Cada uma das primeiras dez era ocupada por dez condenados; e em todas se repetia o mesmo espetáculo. O pescoço apertado numa gola tão larga que era impossível ver os corpos, dir-se-iam horríveis cabeças vivas de decapitados pousadas em mesas. Agachados entre os excrementos, mãos e pés acorrentados, não podiam estender-se, nem deitar-se, nem descansar nunca. O menor movimento, deslocando a gola à volta do pescoço em carne viva e da nuca sangrando, fazia-lhes soltar gritos de dor, aos quais misturavam atrozes insultos a nós e súplicas aos Deuses, alternadamente. Eu estava mudo de espanto. Ligeira, com elegantes arpejos e gestos requintados, Clara escolheu no cesto do boy alguns pequenos bocados de carne que deitou graciosamente, pelas grades, na gaiola. As dez cabeças inclinaram-se simultaneamente nas golas oscilantes; os vinte olhos salientes deitaram simultaneamente para a carne olhares intensos, olhares de terror e fome... Depois um mesmo grito de dor saiu das dez bocas crispadas... E, conscientes da sua impotência, os condenados não se mexeram mais. Conservaram a cabeça ligeiramente inclinada e como prestes a escorregar pelo declive da gola, os traços da cara descarnada e pálida crispados numa careta fixa, numa espécie de riso imóvel.

– Não podem comer – explicou Clara. – Não podem apanhar a carne... Claro!... com aqueles engenhos, compreende-se... No fundo isso não é muito novo... É o suplício de Tântalo, aumentado pelo horror da imaginação chinesa... Hein?... achas, apesar de tudo, que há pessoas infelizes?...

Deitou, através das barras, mais um pequeno pedaço de carne podre que, caindo no canto de uma das golas, lhe imprimiu um ligeiro movimento de oscilação... A esse gesto responderam surdos resmungos; ao mesmo tempo nos vinte olhos acendeu-se uma raiva mais feroz e mais desesperada...

Instintivamente Clara recuou:

– Estás a ver – prosseguiu, num tom menos seguro. – Diverte-os que eu lhes dê carne... faz-lhes passar um pouco o tempo, a esses pobres diabos... proporciona-lhes um pouco de ilusão... Vamos... vamos!...

Passamos lentamente diante das dez gaiolas. Mulheres paradas soltavam gritos ou riam às gargalhadas, outras entregavam-se a mímicas apaixonadas. Vi uma russa muito loura, de olhar branco e frio estender aos supliciados, na ponta da sombrinha, uma ignóbil porcaria esverdeada que avançava e recuava, alternadamente. E retraindo os lábios, mostrando as presas como cães raivosos, com expressões de fome que nada tinham de humano, eles tentavam agarrar a comida, que fugia sempre das suas bocas babadas. Havia curiosos seguindo todas as peripécias daquele jogo cruel com um ar atento e divertido.”

Claro que o livro de Mirbeau não deixaria de me inspirar. O conseqüente soneto está em Centopéia:

Soneto 104 Naturalista

Mirbeau bola um jardim mirabolante:
Ali os supliciados são mantidos
à vista do turista, e seus gemidos
se igualam aos dum pássaro que cante.

Na China fica o bosque verdejante.
A fina dama exhibe os seus vestidos
enquanto os prisioneiros nus são ridos
e goza o algoz seu jugo agonizante.

Tortura e ecologia fazem par
e o sangue tinge o verde como a flor.
Sadismo é lá tal qual peixe no mar.

Aqui, quem vê se faz torturador
gozando o que não posso apreciar,
pisando a dor do cego com humor.